

CONTO “O CÍRCULO DA FALA”, de Elisa Costa Pinto

O CÍRCULO DA FALA

O lugar é um beco de cascalho e lama conquistado ao caos. Não importa. Não importa, sequer, o caos. Este é o lugar da fala, roubado ao tempo, fora do tempo, imune a toda a usurpação. Preservada a imaterialidade de que é feito, está liberto da ordem e da desordem humana.

Este é o lugar escolhido por três mulheres que aqui chegaram, náufragas do mar e de si, desapossadas do passado, animais em sobrevida no presente e sem ilusão.

Encontraram-se na compressão dos corpos aterrados, amontoados num barco deixado à deriva e depois, recolhidas na praia, partilharam o pão e a água e o fio de vida que as acordou, encharcadas, quando olharam os rostos dos poucos náufragos sobreviventes. Sozinhas.

Agora, era viver ou morrer e nenhuma delas ainda sabe ao certo porque escolheu viver.

Eis o pacto: desenharão o círculo neste lugar, sempre que uma delas o pedir. E falarão. Não dos seus mortos, não das feridas que não saram, não do futuro que não há. Ou de tudo isso. Falarão verdades ou mentiras, quem o saberá? Falarão como se acabassem de nascer. De nada.

1.º CÍRCULO – AS CRIANÇAS

AISHA – As crianças mortas não são mortos. As crianças mortas não morrem. Correm sobre as águas com bolas de luz nas mãos. São olhos incandescentes, ardem, e sorriem e cantam, olhos que não se fecham. Vivem. As crianças mortas vivem. Não têm frio, à sua passagem nascem camas, berços aquáticos que recolhem os corpinhos amados, tão amados. Escutem, não choram, não gritam. Dormem, só estão a dormir. Não as acordem! Falem baixinho!

NADIFA – As crianças não são crianças. Têm fome, dobram-se sobre a barriga a esgravatar o chão. As crianças são galinhas a bicar a terra seca, e não há grãos que lhes matem a fome.

LAILA – *Dourados grãos-de-bico cresciam nas ribeiras.*¹

NADIFA – Bebem água, muita água e a barriga é um tambor inchado e oco. Ai a minha barriga que dói tanto. Não, não dói, nada dói. As crianças não têm dor, não sentem, não choram.

Esperam sentadas até adormecer, para sempre. Algumas correm pelo mato, dizem que se transformam em gazelas e correm sem parar a fugir dos leões, mas os leões esperam-nas na margem do rio. Nunca mais ninguém as vê. Se atravessam o rio ou são comidas ninguém sabe. Uma velha disse que, na outra margem, as galinhas se transformam em leões. Algumas são comidas e enlouquecem. Ficam a apodrecer entre as pedras. As outras são comidas e endurecem, ganham garras e fúria e armas. Juntam-se aos leões e obedecem-lhes. As crianças não são crianças.

LAILA – As crianças são promessas. Estão sentadas na escola, uma, duas, três, trinta, quarenta, todas sentadas no chão, alinhadas, o colo vazio sustenta as mãos vazias. Mas têm olhos e ouvidos e nada se perde das palavras ensinadas. Amanhã haverá mesas e cadeiras e livros, cadernos, lápis. As crianças guardam nos corações as palavras aprendidas, as histórias contadas, os números. Depois é só guardar tudo nos cadernos que hão-de ter. As crianças de amanhã acariciam os livros onde vive o mundo inteiro: carros, casas, gente, animais, flores e doces, uma bicicleta que corre as ruas da cidade. Não há bombas nos livros, nem soldados, nem homens a gritar “morte!”

2.º CÍRCULO – AS PALAVRAS

NADIFA – De noite, os hijabes pretos cobrem-se de penas vermelhas que os pássaros soltam das asas para os alegrar. Sem ninguém ver, os hijabes descem sobre o corpo das meninas que não são meninas, cobrem-nas em manto de asas e levam-nas a voar para o berço dos arbustos, muito longe dos leões. Elas voltam a ser crianças, sonham com o colo das mães e a fogueira da infância e com o cheiro libertado do barro das panelas, adormecem felizes. Sempre a dormir, cantam na noite os cantos e os contos anteriores ao nascimento, anteriores à sua morte de meninas, anteriores às árvores e aos bichos, e tão antigos como o vento. Prometeram guardá-los na boca até ao fim dos tempos e ensiná-los aos filhos que os ensinarão aos seus filhos. Mas já os esqueceram e perderam a voz de meninas nas garras das feras. Os leões não aprenderam os cantos nem as histórias, porque não se aprende com as mães assassinadas. Os leões são filhos de mães assassinadas. Por isso gritam e devoram as vozes que nunca atravessaram os seus ouvidos para sarar o coração doente de dor e raiva. Mãe! Mãe! gritam alguns durante o sono, mas não há mãe no covil do ódio e mesmo se houvesse, era um corpo caído, mutilado, violado, esventrado como um cabrito.

Onde está o meu hijabe com asas vermelhas, quem mo roubou? Os soldados invadiram a noite e roubaram as mães, as cabras, os cantos e os sonhos. Que se danem!

LAILA – *Um grupo de cavaleiros, um exército de infantas ou uma esquadra de navios são, para alguns, a mais bela coisa do mundo. Para mim, é o ser amado.*²

AISHA – Não há amor na terra estranha. Não quebres o pacto, Laila!

LAILA – O pacto são as palavras que abrem as portas e cegam as armas. Nenhuma faca corta as palavras que vivem na poesia. Voem, voem, palavras, que o vento não pára de correr e há lugares onde os livros nascem nas mãos e nas árvores. E há lugares com escolas felizes e catedrais de livros, Alexandrias renascidas.

Há muito que morreram os que escreveram os livros, mas as suas palavras estão mais vivas do que no dia em que nasceram, porque já foram lidas e ouvidas por milhões de pessoas que, mesmo sem saberem, as guardam no cofre do coração.

Todos os dias nascem crianças e todos os dias há crianças que recebem o poder da leitura e nunca mais esse poder as abandonará. Bem podem os homens queimar os livros e arrasar as escolas e fechar os cérebros das meninas em burkas e chicotes. Bem podem cegar os anciãos que guardam as histórias tão antigas como o mundo, e cortar as suas línguas para os enterrarem no silêncio. Insensatos, que não sabem das palavras que se escapam como sementes embaladas pelo vento e como pólen agarrado às patas das abelhas. Por cada livro queimado mil vozes o recitarão, por cada mulher apedrejada, mil poemas de revolta se espalharão e o mundo é já uma rede coberta de poesia entrelaçada pelas tecedeiras das palavras que trabalham contra a dispersão.

Estrela da tarde, tudo reúnes o que a Aurora dispersou!

*Trazes ovelha, trazes cabrinha, trazes à mãe a criancinha.*³

AISHA – Não semeies esperança em terra seca. As crianças moram no mar e entregam aos peixes as histórias contadas pelas mulheres e as que leram nas escolas e nas madraças. Não precisam de livros, o mar está cheio de histórias e de cantos entoados por todos os que nele adormeceram a pensar nos seres amados. O amor mora no mar. As palavras moram no mar. O mar é o grande livro da vida e do amor.

LAILA – *Afrodite e vós, Nereidas, trazei-me são e salvo o meu irmão e satisfazei todos os desejos do seu coração.*

Que recupere de todos os erros passados para alegria dos seus amigos e vergonha dos seus inimigos e que nunca mais ninguém nos seja hostil.

Que devolva à irmã a sua honra perdida e apague as tristes misérias que sofria e impunha ao seu coração.

*Os incessantes sarcasmos dos meus concidadãos ferem-me muito.*⁴

NADIFA – Cala-te, Laila! Não compreendo esse canto, está a fazer-me mal. Faz-me sentir o que desconheço. Apetece-me chorar, mas eu não tenho lágrimas. Também me apetece correr.

LAILA – É a poesia, Nadifa. São bonitas as palavras?

NADIFA – Sei lá. O que é bonito? Comer é bonito. Gritar é bonito. Matar pode ser bonito. Essas palavras... foi a tua mãe que tas ensinou?

LAILA – Estas palavras foram escritas na terra estrangeira que hoje pisamos. Uma mulher as escreveu há quase três mil anos, agora são minhas. Fica com elas, eu ensino-tas.

NADIFA – Não quero, dá-as à Aisha.

AISHA – Todas as palavras que eu quero moram no mar. Fiquem com essas agarradas à sola dos pés.

3.º CÍRCULO – O LUGAR

AISHA – O pó cegou-me os olhos e a garganta, a água secou nas fontes da terra estrangeira. Está tão perto o mar, tenho nos ouvidos as vozes aquáticas que me chamam e os guardas não me deixam chegar lá. Estamos todos vestidos de pó, os nossos pés de caminhantes enterrados na lama que escorre entre as tendas não são lavados no fim do caminho que ninguém sabe onde é. Eu tenho de estar limpa quando abraçar os meus filhos.

LAILA – *Não remexas na poeira.*⁵

Caminhemos devagar para não levantar o pó e circundemos os dejectos com a precisão de quem pisa o chão armadilhado.

Já não temo o cheiro a urina e a suor, nem o insuportável calor ou o frio das manhãs. Mais temo a maldade dos homens que, enlouquecidos pelo cativeiro, nos espreitam os passos como caçadores furtivos. Mas o que mais me atormenta neste lugar é o comércio dos que até das crianças fazem mercadoria.

Pensar que esta é a terra sagrada de Lesbos, onde nasceu a poesia que atravessou as eras e chegou até nós límpida e bela e perene, como se tivesse nascido hoje... Se por um dia, apenas um dia, todos os corações se deixassem tocar pelo belo e pelo bem, não estaríamos em terra estranha, como gado à porta do matadouro.

NADIFA – O pó não pára de pousar na minha pele escura e eu gosto, porque a sujidade me protege das hienas que me espreitam das tendas com palavras de mel apodrecido. Em terra de bichos, a beleza é inimiga das mulheres e a minha condenou-me mas também me salvou a vida, ou já estaria debaixo da terra da Somália. Que se atrevam! Já matei para não morrer, não tenho medo da guerra. Agora, quando aquele que me trouxe até aqui dorme no fundo do mar sem que

eu o lamente, nenhum homem me dobrará sobre o chão, se eu não quiser. Não procurem eles conhecer a minha cólera!

LAILA – *Quando a cólera invade o peito, é preciso saber estar calado.* ⁶

4.º CÍRCULO – O SANGUE

NADIFA – A casa é escura. Grita. Chora. A casa chora. Cheira a sangue, mas não vejo nenhum animal morto, só meninas iguais a mim, estendidas no chão, quietas. Parecem mortas, mas não estão mortas, é delas que saem os gritos, o choro. Há mulheres, não sei quantas, as suficientes para me agarrarem, me abrirem as pernas e ordenarem que não gritasse. Uma velha aproxima-se com uma faca na mão e abre mais, uma perna para cada lado. Não consigo soltar-me das garras que me seguram e há uma dor tão grande, tão grande que quero morrer como a minha mãe. Mãe! mãe! vem buscar-me e leva-me contigo para a morte. Mas a velha ri-se e continua a cortar e a dor cresce e eu morro, finalmente.

Quando acordei da morte, já não havia mulheres, só uma a sacudir-me e não era a minha mãe. Porque ficaste na morte e não regressaste comigo, mãe? Esta mulher não ri, segura as minhas mãos, dói mais e mais e eu acrescento choro ao choro das meninas como eu. Não sei quanto tempo ficámos ali, disseram-me que quase morri e que corri pelo mato com a minha mãe e com os antepassados, mas depois voltei. Agora era pura, disse a mulher, e eu estava tão suja e empapada em suor e sangue que quando me senti, vomitei.

Não passou muito tempo, quando os leões me levaram da beira do rio para o inferno. Arrancaram-me as penas de galinha que bicava os grãos da terra, sangraram-me como se sangram as cabras e ofereceram-me a maldade das hienas. Quando estava pronta para a caça, mandaram-me caçar outras galinhas que bicavam a terra à beira do rio. De dia era leão caçador, à noite caçada. E doía tanto, quase tanto como na casa escura. Mas eu já não tinha lágrimas, gastei-as na primeira morte.

LAILA – Eu vi o coração da escola a explodir. É a primeira vez que falo e é a última. Eu vi o coração da escola a explodir e não tenho as palavras para o dizer. Procuro-as e só encontro: trovão, fogo, braços, cabeças, vidros, sangue. O sangue está por todo o lado, na minha roupa, nas minhas mãos, na minha casa, no meu sono. Quantas alunas explodiram? Não importa. Sei o nome de cada uma, a voz e os olhos de cada uma. O riso de cada uma, feliz, com os livros abertos, enfim livres dos talibans, enfim raparigas na escola a caminho da universidade.

A escola era a minha vida, depois de tudo ter perdido. A escola era o futuro do meu país e eu era professora como a minha avó tinha sido, antes dos russos, antes dos talibans, antes dos americanos. Era uma promessa de vida que se desfez em braços, cabeças, sangue.

*O coração torna-se gelado e as suas asas caem.*⁷

Sobrevivi. Foi um sinal, diziam. Eu não creio em sinais, mas acredito em avisos. Não enterrei o meu coração no coração da escola. A escola pode ser onde houver gente que quer aprender a ler o mundo e a vida. Sequei as lágrimas, limpei o sangue. Adeus Cabul!

*O luto não é conveniente na casa das Musas. Não nos fica nada bem.*⁸

AISHA – Não há luto, há sangue. O sangue estava por todo o lado. Alepo não era uma cidade, era um coração aberto de veias e artérias cortadas a gritar golfadas vermelhas. Caiu longe o sangue do meu marido e eu caminhei como um gato perdido para salvar o sangue do meu sangue. Os meus filhos. Ninguém rouba os meus meninos que dormem no mar e, inocentes, nunca derramaram sangue inocente.

5.º CÍRCULO – O SILÊNCIO

Laila, Aisha e Nadifa há muito que não se reuniam e nem sabiam quanto tempo se passara desde o último encontro. Nenhuma delas tinha chamado, nenhuma tinha esperado, como se já não houvesse palavras para contar as verdades ou as mentiras que trocavam naquele círculo de ninguém. O Inverno ficara para trás, o Verão estava no fim, e adivinhavam a entrada no novo Inverno de coração gelado, que o corpo já nenhuma o sentia. Para quê recuperar a fala se viviam agora dentro do silêncio, refúgio côncavo no ruído ensurdecedor do campo atulhado de desespero, raiva, miséria, medo, solidão?

Chegaram ao mesmo tempo e sentaram-se no chão estrangeiro sobre o círculo que, como antes, Laila traçara no chão com uma pedra. Aisha sentou-se virada para o mar ao longe, mas desta vez de costas para as duas mulheres que se posicionaram equidistantes, uma de cada lado das costas de Aisha. Três estátuas de pele vazia com rostos de surpreendente beleza adivinhavam o azul de Mitilene, cada uma mergulhada na sua fundura que já não eram capazes de partilhar.

Permaneceram em silêncio o tempo que era o do encontro, depois Aisha começou a entoar uma canção de embalar e quando chegou a hora de partirem e, lentamente se ergueram, Laila falou.

LAILA – Que cada uma diga o seu nome. Ninguém nos roubará o nome, nem a fala para o dizer.

NADIFA – Eu sou Nadifa, a do corpo mutilado.

AISHA – Eu sou Aisha, a do corpo selado.

LAILA – Eu sou Laila, a do corpo adiado.

6.º CÍRCULO – A PORTA

Nadifa chegou atrasada ao círculo desenhado sobre o cascalho e não vinha sozinha. Carregava ao colo uma trouxa branca que pousou suavemente no lugar mais liso do chão e abriu com mãos trémulas uma fenda negra na claridade do pano. Uns olhos grandes muito abertos, depois um rosto de menina nasceu daquele inesperado ovo carregado pela mulher que era agora um pássaro nervoso a guardar a sua cria.

NADIFA – Matei uma mulher. Furei-a com a faca que lhe arranquei das mãos antes de ela poder fazer o seu trabalho maldito. Há muito que vigiava aquela tenda, há muito que um choro antigo, meu tormento, me acordava uma e outra noite. Não podia aproximar-me porque eram três mulheres e mal conseguia ver quem entrava e saía. Ontem, a noite estava escura, a lua nova deu-me coragem e rastejei até lá, como no mato. Entrei e era eu que jazia no chão agarrada pelas mulheres, era a mim que abriam as pernas para cortar e coser até à dor da morte. Convoquei o meu impiedoso e rápido coração de fera, arranquei a faca das mãos da velha e espetei. As outras largaram tudo para lhe acudir e eu peguei na criança e corri pela noite até ao canto da minha tenda, onde a escondi debaixo das mantas.

Talvez não me encontrem, fui rápida, tinha a cara tapada e não disse uma palavra. Talvez sejam feiticeiras e adivinhem e venham para me matar.

Agora tenho uma filha, preciso de viver.

AISHA – As mães correm pelo mundo com os filhos ao colo. Rastejam, caminham, tropeçam e voam e nunca os largam, nunca os desamparam. Um dia, se alguém os rouba, as mães são um colo inútil e ferido, uma casca a cobrir a tristeza sem fim. Mas as mães continuam a caminhar sempre, os pés sobre vidros e cobras, os braços estandartes de ânsia e espanto. De dor. Só conhecem a dor. A noite entra pela manhã e as mães cantam para dentro do poço as canções de embalar e as histórias que rebentam nas suas bocas abertas. Gárgulas petrificadas debruçadas sobre o poço, as mães, que eram torres de leite e de seda, estão abandonadas e só o eco lhes responde.

Vai, Nadifa! Leva a tua filha, não deixes que o ovo se quebre, agora que os teus braços estão quentes e tu nunca mais serás sozinha. Não posso dar-te os cantos que são dos meus

meninos que me esperam no mar. Procura no teu coração os cantos da tua mãe e da mãe da tua mãe. Eles estão enterrados em ti, se os procurares com amor, hás-de encontrá-los.

NADIFA – Eu não tenho amor. A palavra amor foi comida pelos leões.

LAILA – *Também tu, sim, foste um dia uma criança.*

*Vem entoar os teus cantos e conversar um pouco.*⁹

NADIFA – Eu tenho uma filha. Eu tenho uma filha e por ela matei.

LAILA – Nadifa, os teus olhos choram lágrimas, a fonte não secou. Porque secariam as palavras? Olha como confortas essa criança. Hás-de fugir e ela há-de sentar-se numa escola com mesas e cadeiras e livros e tu serás o seu livro maior com as histórias que saberás contar. E serão livres.

Ensina-lhe este canto que é deste lugar, quando este lugar era casa e não exílio.

Sozinha, a doce maçã enrubesce no alto ramo,

alto, altíssimo, pois esqueceram-na os apanhadores da maçã.

*Na verdade, não a esqueceram: não conseguiram foi lá chegar.*¹⁰

7.º CÍRCULO – O FOGO

Laila, Aisha e Nadifa, sentadas no círculo de chão, desenham pequenas figuras. Laila abre um livro e conta a história da menina que se perdeu no deserto e foi salva por um camelo. Escondida no véu de Nadifa, a pequena Ifrah escuta, a cabeça apoiada no corpo da nova mãe. Sorriem. E é o primeiro sorriso de Nadifa, a do corpo mutilado.

Um barulho de vozes cresce do centro do campo e cresce com elas fumo e fogo.

Eis três mulheres e uma criança, abraçadas, num círculo ameaçado pelo fogo. Sobreviveram à travessia da terra e ao abraço frio do mar, sabem que ninguém sobrevive ao fogo e que aquele será o último, longuíssimo abraço. Choram.

Aisha é a primeira a soltar-se, sorri e corre enlouquecida em direcção ao mar. Talvez cante enquanto se deixa levar pelas águas.

A morte é um mal. Foi assim que os deuses a entenderam; de contrário seriam mortais. ¹¹, chora Laila.

Nadifa carrega a filha ao colo, outra vez enrolada no pano branco, uma vez mais ovo frágil, e começa a correr confundida com a multidão derramada pelo campo em chamas. É veloz como uma chita, conhece as armadilhas das hienas, alcançará um destino seguro.

Laila olha as chamas e sabe que o incêndio ainda não chegou à sua tenda. Hesita entre fugir com Nadifa ou regressar ao campo e corre para a tenda de onde consegue salvar uma

mochila com livros e outros pequenos pertences. Rápida, junta-se aos que caminham na estrada para Mitilene.

Mitilene! Como Sapho regressada do exílio, entrará em Mitilene de rosto levantado para a luz e poderá sonhar com a partida, quem sabe, o dinheiro tudo compra e ela tem dinheiro e documentos. Só então, em terra limpa, deixará regressar a memória da mãe e da filha perdidas na guerra e colocará, sobre os seus cabelos acobreados e sem véu, a fita púrpura da liberdade.

Minha mãe, Cleia, disse-me um dia:

*“Quando na tua idade uma jovem usa
uma fita púrpura a enfeitar os cabelos,
é um belo adorno que lhe fica bem.*

.....
*Pergunta, pois, ao homem de Mitilene
que subjugou todo o mundo ao seu domar,
se esse adorno colorido te pode arranjar.*

*Desde que os tiranos muitos
baniram para o exílio,
a nossa cidade tem-se ressentido
e é um mal que isso tenha acontecido.¹¹*

ELISA COSTA PINTO, 15.10.2020

Todos os versos ou poemas em itálico são de **Sapho de Lesbos** e, neste conto, foram usadas três fontes.

- ‘Poesia Grega’, tradução de Frederico Lourenço, Quetzal, 2020 – 1, 3, 10
- ‘Safo, o Desejo’, tradução de Serafim Ferreira, Teorema, 2003 – 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9
- ‘Safo’, Marion Giebel, tradução de Maria Emília Moura, Distri Editora, 1985 – 11

Conto publicado na revista FLUIR, nº 6 (tema “Fronteiras”)